

## Multifaces do corpo: percepções acerca da imagem corporal nos ciclos de vida

Sandy Souza do Amaral<sup>1</sup>  Amália Gonçalves Arruda<sup>2</sup>  Elane da Silva Barbosa<sup>3</sup>  Helder Matheus Alves Fernandes<sup>4</sup>  Amanda Sângela de Oliveira Silva<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Escola de Saúde Pública do Ceará – ESP. Fortaleza/CE, Brasil.

<sup>2</sup>Centro Universitário do Vale do Jaguaribe – Unijaguaribe. Aracati/CE, Brasil.

<sup>3</sup>Faculdade Maurício de Nassau – UNINASSAU. Mossoró/RN, Brasil.

<sup>4</sup>Instituto do Câncer do Ceará – ICC. Fortaleza/CE, Brasil.

E-mail: sandyamaral@outlook.com

### Resumo

Os sentidos atribuídos ao corpo estão comumente relacionados a sua limitação de nascer, viver e morrer. À vista disso, essas concepções atravessam todos os ciclos geracionais do indivíduo, desde antes do nascimento, na simbiose do binômio mãe-filho, até a morte. Sendo assim, há uma limitação da compreensão corporal na sua totalidade e a perpetuação da desinformação. Nesse sentido, o estudo tem como objetivo assimilar as percepções acerca da imagem corporal no decorrer dos ciclos de vida. Sendo adotada a abordagem qualitativa de um estudo comparativo e narrativo de casos múltiplos, constitui-se como cenário da pesquisa, uma unidade básica de saúde do município de Aracati/CE, situado no litoral leste. A população foi estratificada em quatro grupos: infância, adolescência, adultos e velhice. Seguidamente, elencou-se a amostra pela escolha de dois indivíduos, masculino e feminino, de cada estrato etário. A aplicação das quatro oficinas ocorreu entre setembro e novembro de 2021, baseadas nas dinâmicas de sensibilidade e criatividade do método criativo sensível, alicerçado nas ideias de educação problematizadora de Paulo Freire. Já a análise foi realizada através da técnica de Análise do Discurso de Pêcheux. No decorrer desse estudo, percebeu-se que o corpo sofre representações mutáveis de signos e símbolos durante as gerações. Durante toda a pesquisa, a identificação da imagem corporal transitou nas experiências recentes e armazenadas de cada indivíduo. Sendo assim, a contribuição desta investigação para a atuação do profissional de saúde refere-se ao fato de que a comunicação é fundamental na relação entre profissional e cliente.

**Palavras-chave:** Cuidado de Enfermagem. Imagem Corporal. Pessoal de Saúde. Relações Interpessoais.

### INTRODUÇÃO

Os sentidos atribuídos ao corpo estão comumente relacionados a sua limitação de nascer, viver e morrer. À vista disso, essas concepções atravessam todos os ciclos geracionais do indivíduo, desde antes do nascimento, na simbiose do binômio mãe-filho, até a morte<sup>1</sup>.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com a colaboração do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação, elaborou a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

(PeNSE), que analisa as informações que permitem avaliar os fatores de risco e proteção à saúde dos adolescentes. Na edição realizada em 2015, a imagem corporal foi caracterizada como muito importante por mais de 80% dos estudantes entre 13 e 17 anos<sup>2</sup>.

Em uma comunicação verbal é preciso analisar o que está sendo transmitido e a compreensão do outro em relação às atitudes. Por isso, quando em grupo, as pessoas expressam

vigilância e inseguranças no comportamento interpessoal. Nesse contexto, o corpo, como atuante na mediação do homem com o mundo, mostra-se polissêmico<sup>3</sup>.

Nesse paralelo entre corpo e comunicação, o autor Ray Birdwhistell foi o antropólogo que desenvolveu pesquisas sobre a cinésica. Segundo Birdwhistell<sup>3</sup>, entre duas pessoas fluem, por segundo, cerca de 2.500 a 5.000, e às vezes até 10.000 "bits", de sinais informativos. Isso inclui todas as mudanças, em grau mínimo, que possam ser evidenciadas por aparelhos registradores de alterações.

O corpo, embasado até o exato momento como mediador, precisa ser visto com mais autonomia e singularidade, tornando-se "corpó-rubrica". Se um indivíduo escrevesse a mesma palavra em uma folha de papel no decorrer dos seus ciclos de vida, possivelmente seria observada a mudança da caligrafia. A criança que ainda está sendo alfabetizada, o adolescente que usa canetas de cores variadas, o adulto na correria do dia a dia e o idoso com a coordenação prejudicada. Assim é o corpo, que muda a assinatura ao longo do tempo<sup>4</sup>.

A abordagem dos temas corpo, imagem corporal e sexualidade na infância é repleta de tabus e preconceitos. Segundo Guimarães<sup>5</sup>, a imagem corporal perpassa por várias diferenciações de conceito, desde os dois anos, quando a criança percebe a sua imagem ao deparar-se com o espelho, à adolescência, com o aumento da preocupação social relacionada às mudanças corporais.

A infância não é um território vazio. É preciso educar e disciplinar com base nas experiências individuais já construídas. Crianças informadas poderão usufruir de uma vida sexual planejada e seguir os próprios valores morais. Pode-se notar o corpo como produto da educação<sup>6</sup>.

Quanto à apreciação corporal entre adoles-

centes e mulheres jovens, a idade não mostrou ser uma variável significativa<sup>5,7</sup>. Mas, quando analisado de forma linear, indicou que quanto maior a idade, maior a estima corporal<sup>7</sup>. Em discordância ao que foi apresentado anteriormente, Elousa<sup>8</sup> afirma que a preocupação e insatisfação com a imagem corporal parecem aumentar com a idade, principalmente no gênero feminino.

Compreender a construção do significado de corpo na velhice apresenta dificuldades pela própria definição dos termos. Conceitos como velhice, sexo e imagem corporal são estigmatizados pela sociedade e os próprios idosos. Assim como o entendimento da expressão sexualidade na sua complexidade de abranger a forma de sentir, os pensamentos, emoções e interações no mundo. O corpo simbólico almejado, resultado das construções sociais, é o da beleza e saúde associada à juventude. Por isso, o modo de se vestir e cuidados com o corpo são ressaltados como estímulos para continuidade da sexualidade nessa fase<sup>9,10</sup>.

Dessa forma, existem algumas limitações encontradas no decorrer das fases da vida, acerca da percepção sobre a sexualidade, que são oriundas de visões equivocadas de experiências anteriores. Esses fatores limitam a compreensão corporal na sua totalidade e contribuem para a perpetuação da desinformação. É um círculo vicioso que precisa ser rompido<sup>9,11</sup>. Partindo deste pressuposto, questionou-se: quais são as percepções acerca da imagem corporal nos diferentes ciclos de vida? Assim, objetivou-se: assimilar as percepções acerca da imagem corporal no decorrer dos ciclos de vida.

Acredita-se, então, que há diversidade de concepções acerca da imagem corporal nos distintos ciclos de vida, o que é influenciado por múltiplos aspectos, tais como: o gênero, assim como os aspectos socioculturais.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo comparativo e narrativo de casos múltiplos com abordagem qualitativa, que apresenta um universo de significados, crenças,

valores e atitudes que não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade<sup>12</sup>. O estudo comparativo é retratado por

Marconi e Lakatos<sup>13</sup> como método para investigar e explicar as similitudes e divergências entre fenômenos e/ou fatos.

O estudo narrativo atua como local de exploração da cultura e das experiências sociais e pessoais. É uma forma de mediação entre pesquisador e pesquisado, que auxilia na compreensão de histórias vividas e contadas em um processo dinâmico entre o viver e o contar, reviver e o recontar<sup>14</sup>.

Constitui-se como cenário da pesquisa, a Unidade Básica de Saúde (UBS) do município de Aracati/CE, situado no litoral leste. A população alvo constou de quatro grupos geracionais – a saber: infância, adolescência, adultos e velhice<sup>15</sup>. A amostra caracteriza-se pela escolha de dois indivíduos, masculino e feminino, de cada população geracional, sobre o qual a medida de interesse foi observada.

Os grupos foram estratificados nas seguintes categorias: Grupo Geracional 1 (G1) - Crianças, caracterizadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) como pessoa até doze anos incompletos; Grupo Geracional 2 (G2) - Adolescentes, caracterizados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) como pessoa entre doze e dezoito anos; Grupo Geracional 3 (G3) - Jovens adultos, caracterizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como pessoa no intervalo de 25 a 44 anos e Grupo Geracional 4 (G4) - Idosos, caracterizados pela OMS como pessoa acima de 60 anos. Além da inclusão pelas faixas etárias, os integrantes eram pacientes e estavam devidamente cadastrados na UBS da pesquisa. Como critério de exclusão, limitou-se às pessoas que apresentavam alterações cognitivas.

A aplicação das oficinas ocorreu entre setembro e novembro de 2021, com duração de em média uma hora por encontro, sendo horários e dias distintos para cada um dos oito participantes. Foram atendidas as devidas medidas protetivas à COVID-19 e um espaço adequado às singularidades de cada indivíduo. Contou-se com um intervencionista e o instrumento utilizado para coleta de dados foi um roteiro com quatro oficinas baseadas no Método Criativo Sensível (MCS), alicerçado nas ideias de educa-

ção problematizadora de Paulo Freire, a partir das quais é possível permitir a valorização da multiplicidade de vozes dos indivíduos. Há uma maior possibilidade de liberdade de pensamentos propiciada pelas múltiplas perspectivas, de manifestação da criatividade, utilizando os diversos sentidos do corpo e da sensibilidade<sup>16</sup>.

Apoiando-se em Cabral e Groleau<sup>17</sup>, o encontro dividiu-se em cinco momentos: organização do ambiente e acolhimento, apresentação dos componentes do grupo, explicação e produção da atividade proposta, exposição dos produtos e análise coletiva. Contudo, para melhor entendimento, essas etapas foram renomeadas de: acolhida, apresentação, ação, debate e coletivização. A observação participante integrou o momento como complemento para coleta de dados.

As oficinas abordaram temática originada das Dinâmicas de Sensibilidade e Criatividade (DSC) do método MSC. Essas tiveram como base metodológica as dinâmicas Corpo Saber e Almanaque<sup>18</sup>. A oficina *Esse sou eu e é isso que sou!* (baseada na DSC “Corpo Saber”), gerou debate sobre a representação do corpo, onde o indivíduo desenhava seu corpo em uma silhueta, tendo sido disponibilizados canetas hidrográficas e lápis de cor. Logo após, escolhia um objeto qualquer que representaria o seu desenho. Orientava-se o uso de codinome para o rabisco. Escuta que o meu corpo está falando! (baseada na DSC “Almanaque”), norteador sobre o diálogo do corpo. Cada participante elegeu três moldes representativos de partes do corpo. Em seguida, direcionou-os a elaborar colagens de gravuras nas peças selecionadas, de modo que promovesse uma comunicação não verbal.

Os dados foram gravados em formato de áudio, transcritos, organizados e analisados seguindo estas etapas: exploratória, preparação do material para ir a campo; trabalho de campo, o embasamento teórico é colocado em prática; análise do material, utilização de técnicas para analisar os dados obtidos<sup>12</sup>.

Apropriou-se da técnica de Análise do Discurso (AD) de Pêcheux<sup>19</sup>. Com essa abordagem, o discurso é entendido como um conjun-

to de signos e elementos dentro de um sistema, conforme vão se mostrando historicamente. As mesmas palavras podem significar coisas diferentes porque se inscrevem em espaços discursivos distintos, deixando de ser interpretadas como uma sequência limitada e estável, variando de um discurso para outro. Conseqüentemente, o sujeito traz uma discussão de representações únicas a respeito de si, do pesquisador e do assunto tratado.

A análise aconteceu em três níveis: superfície linguística, objeto discursivo e processo discursivo. A discussão decorreu através das relações dos textos, onde o autor utilizava as noções de representação do arquivo obtido como um re-

corde para a compreensão da discursividade. Seguindo essa proposta, examinou-se cada encontro separadamente, buscando conduzir as ações próprias percebidas por cada um e como se configura cada cena<sup>19</sup>.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade do Vale do Jaguaribe e aprovada sob parecer Nº 4.954.707, estando assim, em consonância com as resoluções que discorrem sobre as questões de cunho ético envolvendo seres humanos. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e termo para gravação de voz, garantindo sigilo e confidencialidade das informações.

## RESULTADOS

Todos os dados obtidos passaram pelo processo de organização, considerando o propósito na metodologia do estudo. Os resultados foram divididos em dois pontos: apresentação dos participantes da pesquisa e categorização dos resultados.

Se a análise das imagens tivesse sido construída separadamente, ou seja, sem os discurs-

os, o autor teria uma visão própria de cada rabisco. Dessa maneira, com a socialização dos produtos das oficinas, fomentou-se uma análise do discurso do sujeito na sua integralidade, desenho e discurso.

Os participantes foram apresentados a partir do grupo geracional ao qual pertencem, idade, sexo e codinome.

**Tabela 1** - Apresentação dos participantes da pesquisa e socialização dos codinomes. Aracati, Ceará, 2021.

GRUPO GERACIONAL	IDADE	SEXO	CODINOME	SOCIALIZAÇÃO
G1	09 anos	Feminino	Maria Alice	"O nome Maria Alice eu gosto!"
G1	06 anos	Masculino	Léo Léo	"Nome Léo Léo eu acho bonito!"
G2	14 anos	Feminino	Anna	"Eu gosto desse nome, acho bonito! Conheço com esse nome a agente de saúde daqui."
G2	18 anos	Masculino	Gabriel	"Gabriel seria o meu nome, uma das opções que os meus pais escolheram."
G3	25 anos	Feminino	Isa	Não respondeu.
G3	39 anos	Masculino	Tyrone	"Tyrone seria o nome de uma criança que eu iria colocar quando minha esposa estava grávida."
G4	72 anos	Feminino	Aloan	Não respondeu.
G4	61 anos	Masculino	Joel	"Coloca o nome do meu neto, Joel."

Como ilustrado, as atividades possibilitaram o estabelecimento de vínculos, um olhar dinâmico e uma escuta sensível conduzida a cada protagonista. Dessa maneira, realizou-se a conversão de códigos e desenhos em experiências que permeiam o espaço coletivo. A construção

dos quadros coopera para a visão panorâmica das repercussões da socialização dos resultados. A tabela 2 retrata as representações e simbologias da autopercepção corporal.

A tabela 3 subsidia um diálogo sobre as interações entre corpo e sujeito na linguagem corporal.

**Tabela 2** - Representações e simbologias da autopercepção corporal. Aracati, Ceará 2021.

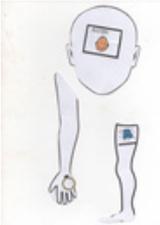
NOME	REPRESENTAÇÃO VERBAL	REPRESENTAÇÃO POR IMAGEM
G1 Maria Alice	Objeto: Boneca <i>"Porque ela parece muito com uma boneca!"</i>	
G1 Léo Léo	Objeto: Bola <i>"Lembra eu e brincar de bola é se divertir, lembra da imaginação."</i>	
G2 Anna	Objeto: Óculos <i>"Não tem muita relação o objeto com o desenho não, eu acho. Mas foi o primeiro objeto que veio na cabeça."</i>	
G2 Gabriel	Objeto: Bola <i>"A bola é um objeto que eu gosto bastante e pelo formato do rosto mais arredondado, então, acho que combinaria com esse objeto. Esse desenho me representa um pouco, a questão do cabelo e a questão do sorriso também."</i>	

continua...

... continuação Tabela 02

NOME	REPRESENTAÇÃO VERBAL	REPRESENTAÇÃO POR IMAGEM
G3 Isa	Objeto: Estante  "Essa boneca me representaria, além do sexo, né? por ser feminino, por conta do cabelo, do corpo talvez e a estante foi por que foi o primeiro objeto que veio na minha mente."	
G3 Tyrone	Objeto: Xbox one  "Xbox one é por que eu gosto muito de videogame, então!"	
G4 Aloan	Objeto: Boneca  "Eu fiz muita bonequinha de pano, eu fazia rumas e rumas de bonequinhas assim. Eu olho e lembro da minha infância, eu nunca tive essas infâncias das moças que ia andar em festa, compra isso e compra aquilo não."	
G4 Joel	Objeto: Bicho Preguiça  "Se pode ser um animal, o bicho que tá parecendo aí é uma preguiça porque acho essa cabeça parecido com uma preguiça, foi o bicho que me assemelhou o formato do rosto."	

Tabela 3 - Interações entre corpo e sujeito na linguagem corporal. Aracati, Ceará 2021.

NOME	REPRESENTAÇÃO VERBAL	REPRESENTAÇÃO POR IMAGEM
G1 Maria Alice	<i>“Eu escolhi calça, porque a gente precisa se vestir. Eu escolhi anel, porque o anel é um acessório pra gente usar e alegre pra gente sempre ficar feliz.”</i>	
G1 Léo Léo	<i>“O trator é na boca porque engole, se engolir já era, se engasga e morre. Isso do nariz é uma mão presa na jaula. Se comunicar é a boca que fala, o nariz é pra ar e o olho é pra ver o negócio.”</i>	
G2 Anna	<i>“Então, o gritar aqui, né? Na boca. Não podemos gritar e tudo mais. O bombom? Eu não sei nem por que eu tô colando aqui. Eu me interesso por esse tipo de coisa, gosto de ver coisa de juiz, acho interessante. Para se comunicar? Mão serve, acho que orelha não, boca a gente pode se comunicar falando, olhar às vezes depende da pessoa e a gente se entende, né? O nariz eu acho que não.”</i>	
G2 Gabriel	<i>“Acho que a comunicação ela parte pelo modo que a pessoa não só pronuncia as palavras, mas o modo também dos gestos. Eu acho que como eu coloquei aqui no rosto, o modo como a pessoa se expressa sua alegria você percebe como se comunicar, se a pessoa está bem ou não. Eu escolhi a figura do cavalo com o olhar por causa das batalhas e desafios. Eu achei bastante associável a questão da oralidade ser um dos meios que você consegue conseguir seus objetivos.”</i>	
G3 Isa	<i>“A boca eu acho que eu tento manter o controle do que eu vou falar, se vai ofender o outro ou não e de que forma o outro pode reagir a isso. O ouvido, eu procuro mais ouvir o que as pessoas têm a dizer, escutar muito conselho e filtrar aquilo que vai servir pra mim e o que num vai. Os olhos eu uso muito pra observar ao meu redor o que acontece, como as pessoas agem, entendeu? E registrar os momentos.”</i>	

continua...

NOME	REPRESENTAÇÃO VERBAL	REPRESENTAÇÃO POR IMAGEM
G3 Tyrone	<i>"Tudo que você olha vai tá armazenado na sua cabeça, por isso a gente tem que tomar cuidado. Jornal com ouvido, com orelha, é porque devemos escutar mais e falar menos. A boca mesmo sendo um órgão pequeno, mas se você utilizar ela de forma errônea, você pode causar uma grande calamidade. Às vezes uma pessoa sempre fala uma coisa que interpretou mal e depois teve a briga, consequências desastrosas."</i>	
G4 Aloan	<i>Sem essa boca ninguém não vive, nós temos que ter a boca. A orelha, sem essa orelha a gente vive, sem o ouvido, mas pra mim é uma coisa muito importante, ouvir. Eu escolhi o patinho porque quando eu era mocinha eu fazia brinco de tudo quanto era coisa. Hoje eu não uso mais não porque sou evangélica, nós não usamos essas coisas. Essa árvore eu lembro das minhas brincadeiras no pé de mangueira."</i>	
G4 Joel	<i>"O boné na cabeça é uma forma de proteger do sol. A boca na cabeça para expressar alegria. A bota no pé, porque de pé descalço, né? É pra cobrir o pé (risos). O óculos, porque o que mais se assemelha pra proteger a visão. O corpo também se comunica. No meu entender, os olhos você se comunica, né? As pernas, no meu entender, sim."</i>	

## DISCUSSÃO

A fim de apresentar de forma mais sistemática a discussão, organizaram-se três categorias: similaridades e divergências entre as mulheres em estudo; similaridades e divergências entre os homens em estudo; e similaridades e divergências entre mulheres e homens no mesmo ciclo geracional.

### **Similaridades e divergências entre as mulheres em estudo**

Quando questionadas sobre os objetos, a criança e a idosa aludiram a uma boneca. Os detalhes rabiscados por Maria Alice (9 anos), como roupas, formato do cabelo e do rosto, possuem características iguais a ela no momento da pesquisa. Já Aloan (72 anos) retorna às

lembranças da sua infância e às bonecas de pano que costumava confeccionar, distanciando-se da sua fisionomia atual.

Anna (14 anos) e Isa (25 anos) traçam detalhes que condizem com suas particularidades, mas relatam que os objetos foram escolhidos de forma aleatória, não havendo uma relação direta com o desenho que fizeram. Mesmo relacionando a um óculo, a adolescente não desenhava o objeto na silhueta e não fazia uso, possivelmente não havendo uma ligação inerente.

Explorar os símbolos é complexo e, normalmente, inconcludente. Simbolizar é o ato de representar por símbolos, sendo assim, as comparações são feitas com objetos familiarizados,

oferecendo um sentido tangível. Em outra vertente, é possível realizar associações considerando o imaginário e atribuindo uma relação lógica com as ideias<sup>20</sup>.

As colagens de Maria Alice (9 anos), Isa (25 anos) e Anna (14 anos) alicerçam a discussão sobre o vestir. O corpo vestido é mediador de uma ligação entre a pessoa e a sociedade, podendo ser criada e recriado diante de diversas etapas de vida<sup>1</sup>. Lopes, Mendes e Sousa<sup>21</sup> debatem sobre esses artefatos e atitudes associados ao “ser mulher”, convergindo com a construção de Maria Alice (9 anos) e Aloan (72 anos) ao utilizarem acessórios para ornamentar o corpo.

Além do sexo, a idade demonstrou ser relevante quando a idosa desenha um vestido plissado e cheio de babados como marca da sua época de infância. Ao ser indagada sobre o desenho do vestido na fase atual, conta ser dessa forma que se encontra, velha, usando roupas compridas. Os vestidos das duas fases, infância e velhice, apresentam características diferentes nos detalhes e tamanhos.

A visão da mulher idosa sobre sua imagem corporal é alicerçada nas percepções atuais de que se deve ter vergonha sobre o corpo envelhecido, pois não tem a mesma funcionalidade e beleza de outrora. Dessa forma, as roupas são utilizadas para resguardar o corpo envelhecido e cheio de imperfeições. A mesma vestimenta usada para mostrar o belo e a juventude, oculta o que já está gasto<sup>10</sup>.

Outro ponto percebido, corresponde aos impactos da religião presentes na narração de Aloan (72 anos). Nessa situação, o vestuário estabelece o pertencimento e aceitação em um grupo. Outros fatores são determinantes, como: valores ligados à decência, categoria de religião seguida e nível de comprometimento do sujeito com a religiosidade<sup>22</sup>.

Enquanto para as demais, os elementos utilizados remetem ao corpo externo, as escolhas de Isa (25 anos) estão ligadas diretamente ao comportamento. O falar, o ouvir e o observar como recurso de interação, requerem uma postura do comunicador. A adulta mostra uma relação de

sentinela com todo o processo de gesticulação frente a um grupo. No comportamental, Anna (14 anos), por sua vez, enfatiza o gritar como uma atitude inapropriada e desrespeitosa.

Durante uma conversa, a comunicação verbal é desencadeada por discursos conscientes. Consequentemente, há uma meticulosidade nas palavras exprimidas. Simultânea a isso, a linguagem não verbal é projetada de forma subconsciente. As informações contidas no comportamento não verbal favorecem uma análise mais fidedigna, visto que, dificilmente pode ser corrompida<sup>23</sup>.

### ***Similaridades e divergências entre os homens em estudo***

Para Léo Léo (6 anos) e Gabriel (18 anos), a bola é escolhida como símbolo, diferindo nos significados, já que, enquanto para o primeiro está associado ao brincar, para o segundo está relacionado à fisionomia do rosto. Tyrone (39 anos) se assemelha à motivação de Léo Léo (6 anos) ao escolher o videogame.

Com isso, o menino insinua o conceito de brincadeira simbólica, como uma construção das exposições mentais significativas da criança. É a forma de brincar que simboliza e oferece sentido às representações da própria realidade do sujeito<sup>24</sup>.

Semelhantemente, Tyrone (39 anos) reconta sua infância em um espaço solitário, em que não conseguia estabelecer relações com outras crianças, atribuindo vida à Fen-Hir, seu amigo imaginário. É a forma de brincar que simboliza e oferece sentido às representações da própria realidade<sup>25</sup>. Na adolescência, reflete o contentamento de ter um amigo e exterioriza histórias que vivenciou ao lado dele, inclusive sobre quando sucedeu o desenvolvimento e amadurecimento corporal.

Para a criança, a escolha do trator levado à boca implica no conhecimento e comunicação com o mundo, experienciando pela primeira vez o prazer<sup>26</sup>. Apesar da idade estar em discordância com a fase oral, que vai até os dois anos, as experiências vivenciadas, possivelmente, foram originadas nessa etapa. Similarmente, para Gabriel (18 anos), a oralidade está estreiti-

tamente ligada com satisfação pessoal e seus objetivos. Léo Léo (6 anos) encontra-se na fase fálica, onde há a descoberta dos órgãos sexuais. Isso fica explícito assim que ele é questionado sobre o desenho e narra apontando para genitália: “Ele tá usando short pra cobrir aqui, não posso falar disso com você não.”

Tyrone (39 anos) desencadeia outra discussão acerca da boca, quando salienta a importância da comunicação verbal interligada com um discurso apropriado. A escolha da figura do dragão demonstra perigo iminente ao utilizar de forma errônea as palavras. Essa vocalização é acompanhada da paralinguagem, isto é, todos os elementos resultantes da produção verbal<sup>23</sup>.

O Idoso remete em suas montagens a proteção ao corpo fragilizado e desgastado. O envelhecer traz um cenário de alterações expressivas, favorecendo o amedrontamento das incapacidades funcionais, o que impacta em diversos aspectos relacionados à sexualidade, às relações interpessoais e, por conseguinte, à própria imagem corporal. Assim sendo, a memória do corpo ativo e o medo das limitações corroboram para a necessidade do autocuidado. Essa resignificação do olhar idoso potencializa a autonomia do cuidar<sup>27</sup>.

### ***Similaridades e divergências entre mulheres e homens no mesmo ciclo geracional***

Sobre os princípios da corporeidade, as crianças transmitem uma ideia de corpo biológico. Isso comprova que a consciência corporal é adquirida por intermédio das interações entre sujeito e am-

biente, ou seja, não é inata<sup>21</sup>. Isso fica evidente na construção social das escolhas dos brinquedos do ciclo infância, o menino está para a bola, assim como, a menina está para a boneca.

A escolha de Gabriel (18 anos), do homem com dinheiro e o alcance dos objetivos, pode ser explicada pela transição da adolescência para a vida adulta. Por meio da técnica de observação, percebeu-se que Anna (14 anos) escolheu para a boca, inicialmente, a figura de um casal se beijando. A ação gerou constrangimento e desistência por parte da adolescente que procurou outra imagem.

Análogo a isso, em uma pesquisa realizada com adolescentes e familiares, foram identificados conceitos ultrapassados que não fortalecem o diálogo sobre sexualidade. O jovem é desencorajado da liberdade para demonstrar medo, incertezas e inseguranças que perpassam esse período. Os ambientes familiar, escolar e religioso são fundamentais para a construção de um caráter autônomo e responsável do adolescente<sup>28</sup>.

Os adultos, assim como Anna (14 anos) e Gabriel (18 anos), frisam a adolescência como um período de descobertas acentuadas e idealização sobre a imagem corporal como uma discussão marcada na disparidade do perfil de corpo entre meninos e meninas exposta na coletivização do estudo. O corpo aparece como ocupando lugar no mundo e capaz de exercer comunicação de forma consciente na adolescência. As meninas demonstram interesse nítido em silhuetas menores e delicadas, de maneira oposta, os meninos almejam corpos másculos e fortes, enfatizando a virilidade<sup>29</sup>.

## **CONCLUSÃO**

No decorrer desse estudo, percebeu-se que o corpo sofre representações mutáveis de signos e símbolos durante as gerações. O signo auxilia o sujeito na designação, assim a mensagem chega mais rápido. Identificar essas interpretações consiste em ponderar inúmeras variáveis, como: as etapas vividas, as memórias, os ambientes socio-culturais, aspectos religiosos e gênero.

O mesmo corpo manifesta-se ora represen-

tativo, ora influenciável e sempre existencial, não há dissociação de corpo-sujeito. Durante toda a pesquisa, a identificação da imagem corporal transitou nas experiências recentes e armazenadas de cada indivíduo. Esse fenômeno é a plurissignificação do corpo adquirindo sentido nas narrações dos participantes.

O corpo, como objeto de comunicação, apresenta-se como multifacetado. Essa mensa-

gem é transmitida tanto pela linguagem corporal, através do comportamento, como pela paralinguagem, liderada pelos movimentos que o corpo é capaz de realizar. Essas interações são importantes para a mediação eficaz com o mundo. Exemplo disso, o vestuário como forte condutor de conceitos e informações.

A contribuição desta investigação para a

atuação do profissional de saúde refere-se ao fato de que a comunicação é fundamental na relação entre profissional e cliente. Dessa maneira, a corporeidade, quando utilizada como dialeto, permite ao profissional de saúde uma construção mútua de conhecimentos e valores, fortalecendo a horizontalidade na relação entre o corpo que cuida e o corpo cuidado.

### Declaração do autor CREdiT

Conceitualização: Amaral, SSA; Arruda, AG; Silva, ASO Metodologia: Amaral, SS; Arruda, AG; Barbosa, ES Validação: Amaral, SS; Arruda, AG; Silva, ASO Análise formal: Amaral, SS; Arruda, AG; Silva, ASO; Barbosa, ES; Fernandes, HMA Investigação: Amaral, SS; Arruda, AG; Silva, ASO Recursos: Amaral, SS; Arruda, AG; Elaboração da redação original: Amaral, SS; Arruda, AG; Barbosa, ES Redação, revisão e edição: Amaral, SS; Barbosa, ES; Fernandes, HMA Visualização: Amaral, SS; Arruda, AG; Silva, ASO; Barbosa, ES Supervisão: Amaral, SS; Arruda, AG; Barbosa, ES Administração do projeto: Amaral, SS; Arruda, AG; Barbosa, ES; Fernandes, HMA

Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito

### REFERÊNCIAS

1. Amaral SS, Arruda AG. Multifaces do corpo: divergências e similaridades da percepção da imagem corporal nos ciclos de vida. FVJ & Ciência [Internet]; 2021; acesso 12 de novembro de 2022; 2(2). Disponível em: [https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2022/04/FVJciencia\\_20212.pdf](https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2022/04/FVJciencia_20212.pdf)
2. Brasil. Ministério da Educação; Ministério da Saúde; IBGE. Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015/IBGE, Rio de Janeiro: IBGE. 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html?=&t=oque-e>
3. Weil P, Tompakow R. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 61ª ed. Petrópolis: Vozes; 2007.
4. Pinheiro M, Carvalho G. Singularidade e mito: o corpo como potência subversiva. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund. [revista em internet] 2017; acesso 05 de junho de 2021; 20(4):728-748. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/nMdtcqwGvrsG4GCvcGJQ95H/?format=pdf&lang=pt>
5. Guimarães, C. Como se veem os nossos adolescentes? Avaliação da percepção da imagem corporal numa população escolar. Rev Port Med Geral Fam 2019; acesso 11 de abril de 2021; 35:106-14. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpmgf/v35n2/v35n2a04.pdf>
6. Ponte VP. Beleza, produção e normalização do corpo em narrativas de crianças. Civitas [revista em internet] 2018; acesso 05 de fevereiro de 2021; 18(01): 153-170. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/28328/16658>
7. Amaral ACS, Medeiros ASF, Araújo ACMR, Silva AA, Hudson ATA, Ferreira EC. Apreciação corporal e aspectos associados entre adolescentes e mulheres jovens. J. Bras Psiquiatr. [revista em internet] 2019; acesso 04 de março de 2021; 68(1):16-22. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/6SCfPQFgszjKSFwSfRyg48Q/?format=pdf&lang=pt>
8. Elousa PB. Changes in Body Dissatisfaction Relative to Gender and Age: The Modulating Character of BMI. The Spanish Journal of Psychology [revista em internet] 2011; acesso 05 de abril de 2022; 14(01):313-322. Disponível em: <http://www.ehu.es/gip/publicaciones/articulos/2011/1.pdf>
9. Uchôa YS, Costa DCA, Silva Junior IAP, Silva STSE, Freitas WMTM, Soares CSC. A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol. [revista em internet] 2016; acesso 05 de novembro de 2021; 19(6):939-949. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/7dtmjLMf3c4bHR8bgcQDFXg/?format=pdf&lang=pt>
10. Fin TC, Portella MR, Scortegagna SA. Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol. [revista em internet] 2017; acesso 05 de abril de 2021; 20(1):77-87. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/PLLZqrf54wx699GCnPhgWn/?lang=pt&format=pdf>
11. Vieira KFL, Coutinho MPL, Saraiva ERA. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. Psicologia: ciência e profissão [revista em internet] 2016; acesso 05 de junho de 2021; 36(01), 196-209. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/dtF8qQ6skTwWk4jK5ySG7Gq/?format=pdf&lang=pt>
12. Minayo MCS, Deslandes SF, Cruz Neto O, Gomes R. Teoria, métodos e criatividade. 21ª ed. Petrolina: Editora Vozes; 2002.
13. Marconi MA, Lakatos EM. Metodologia científica. 10ª ed. São Paulo: Atlas; 2011.
14. Clandinin DJ, Connelly FM. Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU; 2011.

15. Egry EY, Fonseca RMGS, Oliveira MAC. Ciência, Saúde Coletiva e enfermagem: destacando as categorias gênero e geração na episteme da práxis. *Revista brasileira de enfermagem* [revista em internet] 2013; acesso 05 de abril de 2022; 66:119-133. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/cydDzTHKmJ4gXThsjKDC5zD/?lang=pt&format=pdf>.
16. Soratto J, Pires DEP, Cabral IE, Lazzari DD, Witt RR, Sipriano CAS. A maneira criativa e sensível de pesquisar. *Rev. Bras. Enferm.* [revista em internet] 2014; acesso 05 de junho de 2021; 67(06):994-999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/ns3SPDgqvq4WCzkfg5rRVZBB/?format=pdf&lang=pt>.
17. Cabral IE, Groleau D. Reconfiguring insufficient breast milk as a sociosomatic problem: mothers of premature babies using the kangaroo method in Brazil. *Matern Child Nutr.* [revista em internet] 2009; acesso 09 de junho de 2021; 05(01):10-24. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6860501/>
18. Cabral IE. O método criativo e sensível: alternativa de pesquisa em enfermagem. In: Gauthier, J. H. M. *Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
19. Barros THB. *Uma trajetória da arquivística a partir da análise do discurso: inflexões histórico-conceituais*. São Paulo: Editora UNESP; 2015.
20. Mundoco RO, Mattos JRL, Nascimento ECS. Simbologia das figuras geométricas na pintura corporal mebêngôkre. *Acta Latinoamericana de Matemática Educativa* 2018; acesso 05 de fevereiro de 2021; 31(01): 149-157. Disponível em: <http://funes.uniandes.edu.co/13561/1/Oliveira2018Simbologia.pdf>
21. Lopes MS, Mendes RCPR, Sousa SMN. Ser mulher: uma análise da imagem corporal entre adolescentes. *Revista Espacios* [revista em internet] 2017; acesso 05 de fevereiro de 2021; 38(29):03-11. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n29/a17v38n29p03.pdf>
22. Becheri JO, Guimarães ER, Santos LT, Teodoro AJS. Efeitos da religião no mercado da moda: uma revisão integrativa. In: XLIV Encontro da ANPAD - EnANPAD 2020 [publicação na web]; 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/347090491\\_Efeitos\\_da\\_religiao\\_no\\_mercado\\_da\\_moda\\_uma\\_revisao\\_integrativa/link/5fd7dd8a299bf140880f5717/download](https://www.researchgate.net/publication/347090491_Efeitos_da_religiao_no_mercado_da_moda_uma_revisao_integrativa/link/5fd7dd8a299bf140880f5717/download).
23. Silva AG, Bartholomeu D, Montiel JM. Habilidades sociais e comportamento social não verbal: Implicações para a aceitação e rejeição na universidade. *Estudos de Psicologia* [revista em internet] 2017; acesso 05 de novembro de 2021; 22(1): 17-27. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epsic/v22n1/a03v22n1.pdf>
24. Oliveira, VB. *O símbolo e o brinquedo: A representação da vida*. 3ª edição revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
25. Barboza, L, Volpini, MN. O faz de conta: simbólico, representativo ou imaginário. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP* 2015; acesso 01 de dezembro de 2021; 2 (1): 1-12. Disponível em: <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200208.pdf>
26. Fieira JT, Lorenzi F, Gagliotto GM. Sexualidade e escola: o desenvolvimento da sexualidade infantil a partir da psicanálise. In: *Simpósio Internacional em Educação Sexual* [publicação na web]; 2017. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3133.pdf>
27. Santos, WJ, Giacomini, KC, Firmo, JOA. Alteridade do corpo do velho: estranhamento e dor na Saúde Coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva* 2019. acesso 29 de novembro de 2021; 24(11):4275-4284. Disponível em: <https://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/alteridade-do-corpo-do-velho-estranhamento-e-dor-na-saude-coletiva/16756>
28. Silva MSF, Silva, ACS, Silva, MSO. Ciclo da vida e Sexualidade. *RELEM - Revista Eletrônica Mutações* [revista em internet] 2017; acesso 05 de setembro de 2021; 01: 164-167. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/3583/pdf>.
29. Carvalho GX, Nunes APN, Moraes CL, Veiga GV. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva* [revista em internet] 2020; acesso 05 de fevereiro de 2022; 25(7):2769-2782. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/csc/2020.v25n7/2769-2782/pt>

Recebido: 25 novembro 2022.

Aceito: 25 setembro 2023.

Publicado: 21 novembro 2023.